


Histeria e consumismo: Uma visão psicanalítica

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.020-006>

Viviane de Castro Freire Loureiro

Especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica
Universidade José Antônio Vellano - UNIFENAS
Varginha-MG, Brasil
E-mail: vivianedecastrofreireloureiro@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4917-2582>

Magali Milene Silva

Doutorado em Psicanálise
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Rio de Janeiro-RJ, Brasil
E-mail: magalimilene@ufs.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8602-7084>

RESUMO

Na contemporaneidade, o consumismo está sendo incentivado de maneira desenfreada e precisa ter um público-alvo bem definido. Este fenômeno ganha espaço facilmente no ciclo das interações sociais, fazendo com que a compra se torne mais um mecanismo decorrente dos sintomas apresentados pelos indivíduos. Desta forma, este trabalho tem como objetivo, por meio de uma análise de um referencial teórico, compreender a interação entre a histeria e o consumismo, utilizando como base conceitos de Freud e outros autores renomados na área da psicanálise. Observa-se que os conceitos de consumismo e do mal-estar na civilização, o sintoma e a histeria estão interligados pelas características que circundam a pessoa histérica, marcada por um vazio existencial e uma procura incessante de um objeto que nunca é suficiente para satisfazê-la. Estas condições, que norteiam a sociedade contemporânea, intensificam os sintomas histéricos. Ao serem compreendidos pelo analista, esses sintomas podem ser ressignificados, proporcionando um novo sentido para os conflitos internos dos indivíduos. A compreensão desses fenômenos é essencial para entender como o consumismo atua como uma resposta inadequada aos vazios e angústias presentes na sociedade atual.

Palavras-chave: Consumismo, Histeria, Psicanálise, Freud.



1 INTRODUÇÃO

Bauman (2008) argumenta que ao longo da história, o consumo tem proporcionado às pessoas não apenas um modo de vida e estrutura, mas também estabelece padrões nas relações sociais.

O consumismo desenfreado é um problema contemporâneo, impulsionado por estímulos publicitários que constantemente incentivam as pessoas a adquirirem novos produtos. Periodicamente, são lançados produtos no mercado que prometem superar os anteriores em qualidade, supostamente satisfazendo as necessidades individuais até que novas necessidades sejam geradas por produtos ainda mais novos.

Neste estudo, iniciarei contextualizando o leitor sobre os sintomas abordados por Freud, que ajudarão, junto a outros autores, a entender melhor essas situações que frequentemente perturbam analistas e analisandos.

Freud (1936/2006) afirmou que o homem moderno não mais dedica sua vida exclusivamente à busca pelo prazer. Antes de tentar alcançar essa premissa essencial para a garantia de sua saúde mental, o sujeito deve encontrar maneiras de evitar o desprazer, que pode surgir de três fontes principais: do próprio ego, quando confrontado com o acúmulo de energia gerado por experiências desprazerosas; das relações interpessoais; e da percepção do meio externo. A quantidade de desprazer dessas situações leva o ego do sujeito a tentar se separar do mundo externo, ou seja, a introjetá-lo e depois separar-se dele.

O sintoma é um tema vasto, porém crucial para a compreensão individual, abrangendo como cada pessoa pensa, reage e sente diante de seu cotidiano. Darei maior ênfase à histeria, caracterizada pela transferência do saber ao outro, embora ninguém realmente possua esse saber absoluto exigido por ela. A histérica permanece insatisfeita, buscando constantemente algo novo para realizar esse desejo nunca plenamente saciado, o que é justamente o que os comerciantes precisam, pois ela estará sempre consumindo.

Freud sugere que a origem dos sintomas muitas vezes está enraizada em eventos passados, em relações interpessoais, e que esses sintomas podem persistir de várias formas ao longo da vida, a menos que sejam devidamente mascarados pelo superego.

Pommier (1991) discute que a fantasia da histérica, encenada, implica que a satisfação do desejo é impossível, muitas vezes devido à figura paterna, investida pela menina como detentor do falo. Quando a menina percebe que está privada de algo devido à castração simbólica, o desejo surge.

Segundo Freire (2002), a histérica sente-se desvalorizada e sem prestígio social, não recebendo o mesmo valor atribuído ao homem. A sedução desempenha um papel dominante, permitindo-lhe controlar o que a cerca por meio da voz, roupas ou sua ausência, perfume e intelecto, este último brilhante em alguns momentos e inadequado em outros.

Este trabalho consistirá em uma revisão bibliográfica que visa analisar a relação entre histeria



e consumismo, explorando suas nuances, frequentemente um terreno turbulento que revela fatores significativos no contexto do consultório psicanalítico.

2 CONSUMO E CONSUMISMO

Bauman (2008) afirma que por toda história, o consumo tem fornecido às pessoas uma maneira de viver, de estruturar uma forma ou até mesmo estabelecer padrões nas relações sociais.

O consumo tem seus princípios na antiguidade, através de matéria prima que é moldada, manipulada e transformada com o intuito de sobrevivência e o desenvolvimento que faz parte da vida cotidiana de todos os seres vivos. A cada tipo de espécie dos seres, existe seu modo de consumir para suprir suas necessidades.

Desta forma, o autor enfatiza (p. 37)

(...) o consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos.

Assim, o autor explica que no início existiu uma sociedade de coletores, que apresentava como principal característica, a produção, somente para a sobrevivência. Além desta, havia também a sociedade de produtores, que iniciou suas atividades através do acúmulo de produtos, assim, o que era levado em consideração para que um bem fosse considerado bom, era a durabilidade e segurança que este transmitia.

Cypriano (2008), afirma que o consumo, se divide em dois aspectos, um está associado às relações que propiciam algo construtivo, e por outro lado, existem as relações destrutivas. Dessa forma o autor exemplifica que, quando a criança consome o leite, isto lhe fortalece, auxiliando no desenvolvimento, já no caso do fogo consumindo a madeira, pode extinguir a madeira.

Para Schweriner (2008), o significado do consumo na contemporaneidade constitui-se num meio de manipulação das massas, ao propagar valores que associam o consumo ao prazer, liberdade, razão e progresso. Pois o autor explica que o status é denominado pelo lugar ocupado socialmente e economicamente que são demonstrados através dos meios de consumo, nem mesmo a renda é levada em consideração, porque os produtos oferecidos aos consumidores tem outros similares acessíveis para as diversas clientelas existentes na sociedade.

Além disso o autor afirma que na atualidade a sociedade tem à disposição variadas maneiras para comprar ou obter os produtos ofertados no mercado, diferente de algum tempo atrás que as pessoas deveriam ter dinheiro para comprar mesmo que estivesse em mão ou no banco, já nos tempos atuais o incentivo para compra é independente do que se tem, pois é estimulado a compra através de créditos que funcionam desta forma, o sujeito compra de acordo com sua vontade ou desejo e da maneira que for possível este liquidar suas dívidas no período que lhe for conveniente ou possível.



Leal (2008), afirma que o contato com os shopping centers e os produtos que lá são ofertados é algo almejado tanto pelas pessoas que adquirem, como aqueles que sonham em adquirir, e planejam sua vida com intuito de obter os produtos desejados. Deste modo, estabelece uma espera ansiosa para que as prestações sejam divididas e quitadas, possibilitando novas aquisições, através de um mecanismo insustentável e interminável.

Bauman (2008, p.41) explica que:

(...) O consumo, é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade.

De acordo com Monteiro (2004), o hábito exagerado de consumo tem sido visto como uma atitude de qualidade de vida. Nas casas tem-se como costume, ter produtos industrializados, encaixotados, embalados, enlatados, automóveis. As residências precisam ser compostas de inúmeros aparelhos eletroeletrônicos para serem consideradas modernas. A mídia estimula e estipula as coisas que se deve comer, vestir, onde morar, como se divertir, no que se acredita e o que se lê. O ato de consumir é o novo modelo da contemporaneidade. Mas este contexto de consumismo elabora idéias vazias de necessidades de produtos que, muitas vezes, mesmo que estes supram necessidades, as pessoas, ainda assim, passam por momentos de constrangimento quando o produto não é de última geração.

O consumismo é uma organização social, que é conseqüência da renovação de necessidades, desejos e anseios humanos cotidianos e constantes, modificando-o no principal meio de incentivo funcional da sociedade, uma ação que mantém o sistema, na interação e na exclusão de pessoas, auxiliando ao mesmo tempo em um papel relevante nas etapas de auto-identificação pessoal e do grupo (MONTEIRO, 2004).

O consumismo deu em alguns aspectos uma abertura para a inovação, criatividade que é específica aos seres humanos. O autor enfatiza que a produção iniciou à medida que as pessoas tomavam posse de algumas coisas, e deste modo instiga o desejo nas outras pessoas de ter aquele produto.

Assim Bauman (2008) enfatiza que a partir do fortalecimento do consumismo, estabeleceu-se idéias de desvalorizar e depreciar as mercadorias, após serem incentivadas, estimuladas à compra.

Assim o autor explica (p. 64):

“(...) A sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não-satisfação de seus membros.”

O autor também afirma que esta sociedade sugere uma satisfação no sentido do comprar, mas isto só acontece na medida em que o sujeito está insatisfeito, ou seja, os desejos não podem ser



totalmente supridos. Um produto atraente deixa de causar impacto de maneira satisfatória, e num período curto de tempo este mesmo, pode ganhar espaço somente no lixo, antes de serem utilizados.

Schweriner (2008) afirma que para clientela são disponibilizadas fórmulas mágicas de solucionar seus problemas e conflitos por meio de produtos e serviços que podem ser os remédios para resolver ou amenizar as dores e por outro lado os aparelhos que propiciam um “conforto” por exemplo, os carros, tvs, celulares, aparelhos de som, computadores “com internet” e etc. como nunca em outras gerações ainda já estivesse acontecido, de ter tantas opções de escolha, aqui o que importa é o ter e não o ser.

Assim Leal (2008, p.72) enfatiza:

(...) O cidadão é o consumidor, e o consumo se coloca no lugar de interesse político. Só estão inseridos no novo contexto mundial em evidência os que podem consumir, porque os produtos e a sua conseqüente ostentação incluem o indivíduo na arena de visibilidade e importância social.

Neste sentido o autor complementa que o reconhecimento que as pessoas estipulam e estabelece para sua existência, colocando como meta para uma aceitação social.

Schweriner (2008), evidencia que os desejos não possuem limites decorrentes da matéria prima, a qual sustenta a sociedade de consumo para estimular consumidores na aquisição de novos produtos e serviços que constantemente são disponibilizados no mercado para manter estes desejos desenfreados. Assim, quando estes produtos são colocados em pauta no mercado associado às propagandas, dificultam aos consumidores a distinção entre o que é necessário e o que é supérfluo. Na contemporaneidade são as marcas que enfatizam a qualidade dos produtos, por exemplo, os produtos de grifes, que utilizam muitas vezes de apelos emocionais para atrair os consumidores.

Quando não existe um reconhecimento por parte dos consumidores do que de fato estão adquirindo, tal produto passa a ser considerado como um meio de obter satisfação das necessidades. Não se consome pela qualidade do produto, porém, para satisfazer uma necessidade interna que não pode ser apaziguada pela posse do produto. Nesse sentido, o consumo passa a ser consumismo, ou seja, o indivíduo consome pelo próprio ato de consumir, ao invés de consumir produtos de que necessita, até mesmo porque, não consegue estabelecer com clareza o que está comprando, porque e para que.

Para Bauman (2008), nesta era do consumismo as pessoas compram os produtos com o intuito de acumular, porém o que é enfatizado hoje, por exemplo, pelos meios de comunicação, é o ato de “descartar e substituir”, deste modo, toda vez que o produto adquirido não suprir as expectativas, os objetos precisam ser retirados do meio, do mesmo jeito que os relacionamentos ligados ao objeto.

Assim, na economia consumista, o excesso e o desperdício são marcas desta época que servem para manter estas ideias de consumismo e com variedade como nunca havia acontecido antes na



história. Isto também tem consequências no número elevado de informações que as pessoas estão adquirindo porém não estão absorvendo, pois não conseguem assimilar. Assim a economia tem espaço quando o dinheiro circula, ou seja, passa de pessoa para pessoa, assim os produtos também precisam ser renovados sempre, e deste modo os produtos que já estavam no mercado há mais tempo muitas vezes são destinados ao lixo perdendo sua utilidade.

No mercado o que importa é sempre ter um novo produto a ser ofertado sem a real utilidade, para simplesmente ter algo. Antes do consumismo se fortalecer como nos dias de hoje, era difícil de diferenciar um produto de outro, no que se refere a marca, como por exemplo duas tvs de marcas diferentes, já na contemporaneidade as marcas, os símbolos e signos são de grande importância para representar e dar valor a algum determinado objeto, idéias e pessoas. (SCHWERINER, 2008)

Portando, Bauman (2008) aponta que na sociedade de consumo, a felicidade é comprada, sendo que, cada vez mais, as pessoas, os afetos e as próprias relações interpessoais têm adquirido o valor de mercadoria e os indivíduos convertem-se em produtos, nos quais, quanto maior o seu status social, mais valorizada se torna a sua marca.

O consumismo faz parte da cultura contemporânea, este conceito está cada vez mais enraizado na civilização por meio da difusão maior de produtos no mercado e o enfoque constante da descartabilidade. Assim este conceito tem influenciado constantemente nas relações sociais e no psique do indivíduo o tornado um ser mais solitário e narcísico. A difusão deste conceito é enfatizada pela civilização, civilização esta que molda e reprime as ações humanas para que não sejam baseadas somente no instinto.

3 CONSUMISMO E PSICANÁLISE

Para Freud (1936/1996), no texto: “Mal Estar na Civilização”, o conceito de civilização se remete ao controle das formas de socialização entre as pessoas, e ao discutir esta questão é possível perceber que se não houvesse a civilização, o homem iria reagir às circunstâncias da vida através de seus instintos, o que aconteceria da seguinte maneira, o homem mais forte dominaria os demais. Neste sentido entende-se que a civilização é forçosamente adotada pelos homens com intuito de serem mais justos, pois não se faz nada, somente para o benefício de uma pessoa, mas sim para um grupo, pois a civilização tem em vista a união de várias pessoas mais fortes, a qual controla o restante e não de somente uma controlando todo restante. Deste modo pode-se entender que cada indivíduo que possui uma característica peculiar e satisfatória, em algum âmbito, suas aptidões são requeridas para a execução de um trabalho que contribuirá para a socialização.

Segundo Freud (1936/1996), no termo civilização está embutido tudo aquilo em que a vida humana se eleva ou acaba por se diferenciar da vida animal, apresentando dois aspectos principais. Por um lado, propiciou ao homem os conhecimentos e técnicas necessárias para compreender e dominar a



natureza e, por outro, acabou por gerar um sistema de regras que visa ajustar as relações e a distribuição de riqueza entre os homens, porém, estas duas tendências não são independentes entre si.

O alto preço pago para viver na civilização, implica em que a vida humana se eleve ou se diferencie da vida animal, a partir de duas tendências fundamentais. Se por um lado, essa diferenciação propiciou ao homem os conhecimentos e técnicas necessárias para compreender e dominar a natureza; por outro, acabou por gerar um sistema de regras que visa ajustar as relações e a distribuição de riqueza entre os homens. Essas duas tendências não são independentes entre si. Ao contrário, muitas vezes acabam por se interpenetrar, como quando um homem elege outro membro da sociedade como o seu objeto sexual e este adquire, para ele, o status de riqueza.

O homem com os seus impulsos hostis, deve ser controlado para que a distribuição de riquezas, a ciência, a tecnologia e as demais criações humanas não sejam usurpadas por um indivíduo totalmente entregue aos seus impulsos, que acabariam por destruir estas criações e, até a própria civilização.

A coerção passa a constituir a única maneira viável pela qual a civilização pode controlar estes impulsos individuais, visto que, se de alguma maneira fosse possível realizar-se uma reordenação nas relações humanas de modo que o recalque das pulsões destrutivas não mais constitui-se um sacrifício para o indivíduo, talvez o processo civilizatório estagnasse, pois, são estas mesmas pulsões que impelem o homem a gerar novas realizações que garantirão a manutenção do processo civilizatório.

O grande conflito entre o indivíduo e a civilização é exacerbado na medida em que a coerção inerente ao processo civilizatório torna-se tão intensa que acaba por impedir a busca do prazer. Assim, o homem moderno será, cada vez mais, obrigado a abrir mão do prazer, devendo se contentar em encontrar meios para evitar o desprazer, ou seja, encontra-se, cada vez mais, à mercê da pulsão de morte. (FREUD, 1936/1996)

O sofrimento indica uma forma de tensão interna que necessita de uma solução. Pois essa forma de tensão não significa ser decorrente de uma dor, que precise de uma solução médica. O organismo, como necessidade de vida, demonstra-se em constante estado de tensão, aguardando ser saciado, de uma distensão, de uma descarga.

Dantas & Tobler (2003, p.04) citando Freud afirmam:

(...) Estar vivo é encontrar-se permanentemente sob estado de tensão. Nosso sofrimento ou felicidade advém da própria dinâmica do desejo. Nada mais enigmático, inquietante e admirável do que o desejo. O desejo nunca está satisfeito, não descansa, persiste e se multiplica, nos consumindo. Porém, é ele que nos sustenta e nos levanta, nos mantendo vivos.

Freud (1936/1996), amplia um pouco mais esta questão, afirmando que o homem moderno não mais dedica a sua vida exclusivamente para a obtenção do prazer, porém, antes que tente atender a esta premissa essencial para a garantia de sua saúde mental, o sujeito deve tentar encontrar meios para evitar o desprazer que pode se originar de três fontes principais: do seu próprio ego, na medida em que



é obrigado a lidar com o crescente acúmulo de energia gerado por sucessivas experiências desprazerosas; das relações interpessoais e da percepção do meio externo, sendo que, a quantidade de desprazer oferecidas pelas diversas situações implicadas nestas duas últimas categorias acabam por levar o ego do sujeito a tentar separar-se do mundo externo, ou melhor, a introjetá-lo e depois separar-se dele. Assim, viver implica em sofrimento, pois, a vida civilizada é repleta de diversos sofrimentos, decepções e atividades impossíveis.

O problema do sofrimento psíquico para Freud (1936/1996), está ligado ao fato de que o nível de coerção da civilização moderna, se tornou tão grande e sofisticado que o sujeito não consegue mais encontrar vias de satisfação ou de sublimação para o seu desejo, devendo se contentar com o que Freud denomina: “Medidas Paliativas”, que se constituem em paliativos para permitir ao sujeito suportar o sofrimento psíquico em decorrência de abrir mão do princípio do prazer.

No intuito de suportar o sofrimento decorrente da vida em civilização, Freud (1936/1996) afirma que faz-se necessário o uso de medidas paliativas, ou seja, satisfações substitutivas que possibilitem ao indivíduo lidar com a dor da existência cotidiana na civilização. Estas medidas paliativas são a ciência, as artes e as substâncias tóxicas.

Assim Stacechen & Bento (2008, p.428), explicando Freud, afirmam que:

(...) De certa forma, se vêem nessas medidas paliativas saídas aparentemente mais fáceis do que encarar a dura realidade que se impõe e que restringe o prazer do homem.

Analisando a contemporaneidade caracterizado pelo consumismo, percebe-se que é possível estabelecer uma relação com as medidas paliativas. A ideia de consumo traz consigo o modo de pensar, na esperança de encontrar na realidade uma satisfação rápida. Tanto por meio de uma satisfação substitutiva, quanto de uma ilusão de felicidade, a ação de consumir se iguala às medidas paliativas. No que se trata da procura do consumo ilimitado se assemelha no último momento, pela busca do dependente químico pela droga. Refere-se a uma procura na qual a imaginação é tão intensa que se torna semelhante ao da masturbação, que acontece de maneira solitária, idealizando objetos de um gozo perfeito (STACECHEN & BENTO, 2008).

Quanto ao uso de substâncias tóxicas, é visto como um mecanismo indispensável, e um nível grande, estimado de independência do mundo externo, é perceptível que com a ajuda desse redutor de preocupações, notar em qualquer momento, um distanciamento da realidade e encontrar saída no mundo próprio, com melhores funções de sensibilidade. (FREUD, 1936/1996)

De acordo com Stacechen & Bento (2008), apesar dos produtos de consumo não terem as características intoxicantes, suas aquisições são exageradas na atualidade. Percebe-se que a uma associação por meio da ideia do capitalismo consumista e a toxicomania, pois neste aspecto nota-se



uma proximidade entre ambos, no sentido de que existe uma proposta de felicidade fácil que incentiva o sujeito ao consumo.

Assim Stacechen & Bento (2008, p. 423) enfatizam que:

(...) Nota-se que há uma ligação direta entre o discurso capitalista do consumismo e a toxicomania, pois em ambos vê-se a promessa de uma felicidade fácil que conduzirá o indivíduo ao seu consumo. Nesse contexto, a toxicomania é o lado sombrio e ilegal de um mundo voltado para o consumo extremo.

De acordo com Dantas & Tobler (2003), nas relações humanas que envolvem o consumo, a questão da felicidade se une à lenda da igualdade. Portanto o conceito de bem-estar necessita ser medido por meio de objetos e signos para que possa ser semelhante.

Resultado do controle da ideia de felicidade, por meio da quantificação através de objetos consumidos e da padronização de diretrizes, aparecem problemas no âmbito da individualidade e do perfil de portadores de sofrimento.

Com isso, os esforços que o indivíduo realiza com intuito de ser feliz, demonstra surtir o efeito contrário, isto é, colocá-lo num constante estado de sofrimento, deste modo, quanto mais o sujeito se torna manipulável a sedução e apelo dos objetos, mais ele vai de encontro ao vazio de sua vida. E à medida em que isso aumenta, mais ele deseja consumir desesperadamente.

Assim Dantas & Tobler enfatizam que (2003, p. 3):

(...) A cultura do consumo coloca o sujeito na condição de portador de um sentimento permanente de vazio desesperançado, sentimento este que contribui para a crença de que o remédio para a cura de seus males pode ser adquirido, comprando, ingerindo, incorporando.

No momento em que acontecem situações desejadas pelo princípio do prazer que se estende, constrói um sentimento de satisfação muito tranqüilo. As pessoas estão envolvidas a tal ponto que só podemos sentir prazer intenso de uma oposição, e tão pouco de um específico estado de coisas. Deste modo as possíveis formas de felicidade estão reduzidas pela própria existência. No que diz respeito a infelicidade é mais acessível ao ser humano.

Na visão de Stacechen & Bento (2008), analisando os conceitos de Freud no que se trata da felicidade, ao associar com o consumismo proposto pelo autor, nota-se que ao falar do consumo contemporâneo, há uma procura ilimitada pela satisfação do que é desejado, que de alguma maneira, esse desejo, uma vez saciado, é logo suprido por outro, diante disto, é possível observar que os meios para atingir esta satisfação no que se refere ao consumo, não se iguala ao conceito de felicidade proposto por Freud. Já no que se trata do consumismo percebe-se que busca uma satisfação prolongada, porém resulta numa satisfação reduzida. E no caso desta redução, resultar em um prazer com menor intensidade, entende-se que o sujeito será induzido a procurar o aumento do prazer em uma nova ação



de consumir. Assim o sujeito busca de qualquer maneira uma satisfação no que diz respeito ao consumismo. Isto quando não acontece de tapar essa lacuna decorrente do anterior.

Entende-se que a procura pela felicidade instantânea constata-se em âmbito geral, não somente nas relações de consumo, como também nas interações sociais, em que os demais, a cada dia, assumem características de uma mercadoria (STACECHEN & BENTO, 2008).

No passado o prazer imediato era suprimido em nome da ética do trabalho, que estipulava parâmetros para restringir, com a justificativa de que depois dos esforços ganharia recompensas, já na atualidade, é a ideia do consumo que vigora. Por meio desta, as pessoas buscam obter o que querem agora, sustentada pela idéia: “Goze agora a qualquer preço!” (STACECHEN & BENTO, 2008).

Desta forma, o prazer adquirido a partir das mercadorias, não acontece da satisfação que a aquisição do produto, ou seu uso lhe daria, mas das experiências fantasiosas, e da imaginação das pessoas. O que levaria ao consumo, seria a necessidade de obter na realidade, o desejo idealizado na forma de fantasia, e toda mercadoria nova renderia um novo modelo de fantasia. Após a compra do produto, o mesmo passaria pelas influências da realidade que o envolve. A causa disto culminaria na desilusão, pois o produto da realidade nunca poderá suprir as características dos produtos criados na imaginação (STACECHEN & BENTO, 2008).

4 SINTOMAS

O principal dano que causam reside no dispêndio mental que acarretam, e no dispêndio adicional que se torna necessário para se lutar contra eles. Onde existe extensa formação de sintomas, esses dois tipos de dispêndio podem resultar em extraordinário empobrecimento da pessoa no que se refere a energia mental que lhe permanece disponível e, com isso, na paralisação da pessoa para todas as tarefas importantes da vida. (FREUD, Conferência XXIII, 1917/2006)

Freud, no entanto, explicita que existe no sintoma um desprendimento de energia com fatores nada relevantes para o nosso funcionamento.

Freud vem mostrar que o sintoma nada mais é que a maneira que encontramos para lidar com a falta de libido em alguma determinada situação que nos causa conflito ou que nos é insuportável.

O conflito surge pela frustração em consequência da qual a libido, impedida de encontrar satisfação, é forçada a procurar outros objetos e outros caminhos. (FREUD, Conferência XXII, 1917/2006)

Freud refere-se então à busca de um novo caminho para satisfação.

(...) as experiências infantis exigem uma consideração especial. Elas determinam as mais importantes consequências, porque ocorrem numa época de desenvolvimento incompleto e, por essa mesma razão, são capazes de ter efeitos traumáticos (FREUD, Conferência XXIII, 1917/2006).



Neste trecho Freud destaca a importância do analista em ser cauteloso ao escutar fatores que podem ser relevantes quando o paciente retratar suas experiências infantis, que muitas vezes suas consequências podem ser de cunho traumático e estar associada ao sintoma atual.

Podemos desprezar o fato de que o sintoma se constitui em algo irreconhecível para o indivíduo que, pelo contrário, sente a suposta satisfação como sofrimento e se queixa deste.

Freud afirma que a pessoa se queixa do seu sintoma com uma satisfação naquele determinado sofrimento. Tudo isso ocorre por conta da transformação de algo que foi satisfatório em um sofrimento.

Aquilo que passa o indivíduo, em determinada época, constituía uma satisfação, na realidade passa, hoje, necessariamente a originar resistência e repugnância (FREUD, Conferência XXIII, 1917/2006).

Com o tempo as coisas se modificam e algo que um dia foi feito com prazer e naturalidade passa a ser enojado, ser motivo de vergonha.

Agora já podemos falar sobre algo que muitas vezes inquietam os analistas e deixam os sem saber o porque este processo de análise é tão complexo. “É o reduzido valor concedido à realidade, é a diferença entre a realidade e fantasia” (FREUD, Conferência XXIII, 1917/2006).

Ao referir sobre a realidade, temos por hábito distanciar das coisas que são criadas, inventadas por nós em meio às fantasias, distinguimos as duas questões como se fossem situações radicalmente diferentes. Entretanto é preciso entender que uma pessoa ao relatar suas experiências daquele determinado modo, é porque ela realmente enxerga as coisas daquela maneira e é a partir disso que será possível o analista compreender desde seus sintomas até as situações de experiências infantis.

Freud alerta que uma dificuldade bastante comum de se encontrar nos consultórios, por parte do analista, está relacionada à questão da escuta analítica, em que é preciso ter cautela para pois o paciente conta suas histórias de forma fantasiosa e sem ter clareza esconde questões que lhe aflige.

Freud(1917/2006) afirma que na grande maioria dos casos não é possível estabelecer o ponto de origem através da simples interrogação do paciente, por mais minuciosamente que seja levada a efeito.

Freud ressalta neste trecho a complexidade de estabelecer algum vínculo dos sintomas e suas origens, somente a partir de um questionamento, dúvida, inquietação do próprio sujeito.

Isso se verifica, em parte, porque o que está em questão é, muitas vezes, alguma experiência que o paciente não gosta de discutir, mas ocorre principalmente porque ele é de fato incapaz de recordar-la e, muitas vezes não tem nenhuma suspeita da conexão causal entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico.

Esta situação ocorre por se tratar inúmeras vezes de algo que é traumático, com isso, também não se pode dizer que seja algo em que o sujeito tem facilidade e tranquilidade para falar sobre



determinado assunto. Contudo isso acontece de fato porque o sujeito é desprovido de potenciais para relembrar o sintoma e sua origem.

Freud & Breuer (1893/2006) afirma que:

“(...) os fatos externos determinam a patologia da histeria, numa medida muito maior do que se sabe e reconhece.”

“Com grande freqüência, é algum fato da infância que estabelece um sintoma mais ou menos grave que persiste durante os anos subseqüentes. Naturalmente, é óbvio que, nos casos de histeria “traumática”, o que provoca os sintomas são os acidentes.

Freud nos remete a pensar que a origem dos sintomas é decorrente muitas vezes de fatos que ocorreram no passado, na relação entre uma pessoa com outras pessoas, e que leva-nos a carregar por inúmeras formas por diversas pessoas por toda vida ou por muito tempo. No que se refere aos sintomas, estes se constrói a partir de uma marca que ficou registrada no inconsciente e que por algum motivo o superego não permite que este venha aparecer a não ser que esteja mascarado.

Além disso Freud & Breuer (1893/2006) também afirma que

Em outros casos as conexão causal não é tão simples. Consiste apenas no que se poderia denominar uma relação “simbólica” entre a causa precipitante e o fenômeno patológico.

Neste momento, Freud reforça a ideia de que existem alguns sintomas que são mais fáceis de detectar por terem uma relação mais próxima, e torna a associação da causa e o sintoma mais acessível. Porém existem outros casos que são mais complexos e exigem um trabalho mais cuidadoso para conseguir descobrir a causa, pois o fato que ocasionou foi bastante reprimido.

Santaella (2008) reforça que o sintoma pode ser entendido como uma forma de ocultamento, neste sentido deve ser compreendido em que a autora explicita através da frase: “decifra-me ou te devoro”.

Castro (2009), ao falar do sujeito histérico é importante notar que seu discurso é marcado por dúvidas, perguntas, as marcas ficam registradas em seu próprio corpo nos modos os quais chamamos de sintomas. Isto pede uma interpretação, é uma demanda que sugere respostas. A histérica se coloca na posição de alguém que quer a verdade absoluta, aquela que não existe. Levada a um outro. Ao se deparar com este outro, ela o coloca no lugar de saber aquele quem vai lhe dar as respostas, um sentido para suas questões.

Todo sintoma é marcado por um discurso o qual tende a ter um limite que é delimitado pelo gozo. Quando se trata da histérica constata-se que o saber que esta demandou do outro é falho. Por conta desta falha continua a existência de um desejo insatisfeito, assim novamente outras tentativas serão realizadas com o intuito de suprir este desconforto do vazio.

4.1 HISTERIA

Freud dá início a seus estudos sobre a etiologia da histeria a partir de uma pergunta: “O que quer uma mulher?”.

Barbosa (2011) ao destacar o sentido da palavra mulher, pode-se entender como uma demanda existente, por um lado daqueles que querem as mulheres ou seja por aqueles que estão pressionados e ao mesmo tempo também estão aptos a conceder aquilo que os outros desejam. Esta frase sugere poder e negociações. Conceito o qual muitas vezes se refere à mulher, com o seguinte entendimento sobre ela, se mostram complexas, contraditórias ou mudam de idéia com frequência.

Na história as mulheres perpassam pelo encanto e o charme feminino e tudo isso nada mais é do que suas próprias características.

Por um outro ponto de vista: “(...) aquele que tem o poder de dá deu tudo aquilo que achava que devia ser dado (...)” (BARBOSA, 2011)

Mais adiante tudo isto irá fazer um pouco mais de sentido pois iremos entender que existe o que tem e outro que não tem portanto pede aquele que tem as coisas que lhe satisfaçam. Desta forma, “(...) quem quer, quer alguma coisa de alguém.(...)” (BARBOSA, 2011)

Assim a Barbosa (2011) relaciona as perguntas: Quem quer? No caso são as mulheres, então se pode unificar os interesses e dizer que todas tem algo em comum? O objeto que estas mulheres talvez possam estar desejando, poderia ser, carreira, reconhecimento social, poder, afeto, sexualidade ou poderia ser tudo isso. Em que quantidade elas pedem tudo isso? A partir disso, quem é o responsável e o detentor deste poder? Comunidade, sociedade, homens, ou este querer não é o caso de algo ou alguém fornecer ou permitir e sim de uma conquista por parte da mulher. Porém nem com todas estas explicações a esta questão não ficou uma resposta satisfatória nem definitiva.

Freire (2002) afirma que os estudos de Freud não se baseiam simplesmente por conta dos fenômenos históricos, mas sim, porque Freud estava interessado em construir algo baseado no que diz respeito à feminilidade na cultura e realizou isto por meio das escutas que havia feito na clínica.

Freud demonstra certo interesse em estudar os fenômenos históricos, que perpassam pela cultura e deste modo tende desvendar as situações que circundam este fenômeno.

Assim Freire (2002) afirma que neste processo Freud passou a não utilizar de alguns métodos, pois foi possível constatar que eram ineficazes para o tratamento, e podendo observar anteriormente (se a doença era de cunho orgânico ou psíquico) no sentido de expor o paciente a terapia mais adequada.

Neste momento, Freud começa a articular a hipótese de que não se tratava de pensar se esta doença era ou não de cunho orgânico ou psíquico, mas adaptar a um método de tratamento mais eficaz.



Freire (2002) afirma que quando Freud passou a atender, Emmy von N., conseguiu notar a importância da fala, da associação livre e conseqüentemente do conceito de histeria, que se tratava de uma neurose que possuía sintomas peculiares.

Neste período Freud atende sua paciente. A qual mostra a importância das principais técnicas utilizadas pela psicanálise, a fala, associação livre, e juntamente com estas questões também é quando dá um valor maior aos conceitos e as características do sintoma histérico.

(...) a lembrança de uma humilhação é corrigida quando a pessoa situa os fatos no devidos lugares, considerando seu próprio valor, etc. Desse modo, uma pessoa normal é capaz de provocar o desaparecimento do afeto concomitante por meio do processo de associação. (Freud, 1895/2006).

Freud reforça neste trecho a importância da associação livre e das resoluções dos conflitos a partir desta técnica. Um sujeito pode através da associação livre, dar um outro sentido para alguma determinada situação traumática quando tem a possibilidade de apagar um afeto e substituí-lo por outro.

De acordo com Freire (2002), em 1891 Freud, iniciou o tratamento de Elizabeth, que foi possível perceber problemas subseqüentes e frustrações, as quais levaram Freud a compreender que ela sabia das razões de sua enfermidade. No caminhar deste tratamento notou que aquilo que havia na consciência da paciente se tratava de um segredo e não um corpo estranho. Por conta deste “saber não sabido”, Freud passa a não utilizar o método da hipnose com frequência.

Neste momento Freud é capaz de perceber alguns equívocos das técnicas utilizadas por ele, e reconstrói seus métodos, fazendo uso da hipnose com um pouco mais de cautela.

(...) foi o abandono do hipnotismo que ampliou ainda mais sua compreensão dos processos mentais. Esse abandono revelou a presença de mais um obstáculo - a “resistência” dos pacientes ao tratamento, sua relutância em cooperarem na própria cura. (Freud, 1895/2006)

Assim Freud foi deixando aos poucos um método que para ele era de grande importância, a hipnose e com isso descobriu o quanto é difícil passar por uma análise, pois constatou isto por meio da resistência dos pacientes.

Conforme demonstra Freire (2002) Dora foi uma paciente de extrema importância para o trabalho de Freud. Este caso foi o precursor de descobertas de conceitos muitos com aspectos muito relevantes tais como a fantasia, materialidade psíquica, as interpretações dos sonhos e a transferência. E da mesma maneira conduziu Freud a refletir sobre os equívocos no que diz respeito a uma análise baseada simplesmente nos conceitos teóricos. Foi possível perceber a partir disso que o tratamento psicanalítico se constitui de um saber que ocorre através do próprio sujeito que acontece no lugar da transferência no percurso do tratamento.



(...) acredito que a história de Dora sobre a impertinência imoral do homem é uma fantasia que se impôs a ela (Freud, 1905/2006).

Assim Freire (2002) afirma que Freud afirma não acreditar no real sentido dado por Dora para seus respectivos afetos relacionados aos homens e aposta que tudo isso não passa da fantasia que ela mesma criou para lidar com suas experiências.

A autora enfatiza o quanto foi relevante o caso Dora e seus significativos avanços a partir desta escuta que Freud fez. Foi onde também se pode corrigir um método utilizado no decorrer do tratamento. Método esse que auxiliou para que a psicanálise depois de se transformar cada paciente como único detentor de um saber próprio, fosse capaz de fazer cada sujeito responsável por suas escolhas.

Com isso Freire (2002) afirma que a peculiaridade da histeria consta no sujeito enfatizar no corpo todas suas expressões.

Neste trecho o autor destaca que a histeria tem um diferencial, pois o corpo está sempre no lugar de um veículo de comunicação, todas as expressões são realizadas a partir dele.

Assim Freire (2002) vem discutir o momento em que Freud consegue perceber a relação entre a histeria e a sexualidade. Isso é, onde dá início às investigações de Freud, por meio deste mecanismo, o sexual, a histérica se defende de conteúdos repudiantes, os quais surgem os sintomas, que nada mais é, do que uma forma aceita pela consciência, conflito que ficou explicado como um instrumento que vai do moral até o sexual.

Neste momento, a autora aponta o início dos estudos de Freud sobre a histeria, e relevantes pontos que o distinguiram dos demais estudiosos da área. A histeria ganhou um espaço primordial nestas pesquisas porque através dela foi possível entender a relação entre os sintomas e a sexualidade.

Freire (2002) mostra que Freud já considerava neste período a sexualidade infantil e Farias (1993) vem nos explicar que a sedução precoce pode ser um caminho para compreender a sexualidade oculta nas ocasiões traumáticas. A partir deste momento passa a ser entendido que o corpo é um instrumento sexual da histérica.

A autora enfatiza, que Freud descobriu que as origens da sexualidade acontece na infância e que o corpo é o lugar onde a histérica demonstra todos os seus sintomas.

“(...) o emprego da sexualidade infantil representa um ideal educativo do qual o desenvolvimento de cada um quase sempre se afasta em algum ponto, amiúde em grau considerável.” (Freud, 1905/2006)

Neste momento Freud destaca a importância da sexualidade na infância e que é evidente a ocorrência de fatores sexuais na infância.



Neste sentido Freire (2002) aponta o quanto é relevante às construções psíquicas na puberdade, pois é a partir dela que a criança tem condições de dar significados a suas experiências e deste modo nos possibilitou mais um conceito, o recalque como um instrumento para o esquecimento.

Assim Freire (2002) vem nos mostrar que Freud dá mais um passo adiante, afirmando que na adolescência é possível dar sentido às experiências sexuais e que o mais um conceito é trabalhado por ele, o recalque que inúmeras vezes utilizado como mecanismo de esquecimento.

As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes.”(Freud, 1916/2010)

Freire (2002) afirma que após a ocorrência de experiências semelhantes à criança é capaz de construir um significado sexual dos fatos do experimentados no passado, pois desse modo uma experiência pode ser vinculada à outra. Assim a moralização exerce um papel imposto pela civilização, ao não serem aceitas algumas lembranças e sensações serão esquecidas ou “recaçadas”, neste processo os sintomas aparecem para substituir estas respectivas experiências.

Agora Freire (2002) mostra as formações dos sintomas, este que aparece a partir de uma experiência na infância que foi recalçada ao ser associada a uma outra depois da mesma já esta mais velha, e conseguir dar significado sexual, e por conta da repressão moral imposta pela cultura foi esquecida e só é retomada através dos sintomas.

Freire (2002) discute que Freud percebe por meio da criança que suplica pela atitude do adulto, que conseguiu constatar através dos relatos dos pacientes cenas de sedução e então pode entender como, fantasia, um mecanismo da histérica para lidar com as experiências recalçadas.

Aqui Freire (2002) mostra as nuances que Freud percorreu nos atendimentos, e que ao fazer escutas de seus pacientes foi possível observar que a criança pede ao adulto que tenha alguma ação, a qual foi compreendida como o mecanismo da fantasia, próprio da histérica.

Freire (2002) explica que quando se trata de histeria o corpo é primordial para construção da vida sexual, que acontece logo quando a criança nasce. Explicita o autor que Freud diz que a menina não é capaz de reconhecer sua própria vagina, como órgão sexual, e sim mantém a ilusão que todos, tanto homens como mulheres, têm pênis.

Freire (2002) comenta sobre a dificuldade da menina se colocar e se enxergar como menina. Ela tenta se enganar, e acredita ser igual aos homens de maneira fisiológica.

Neste contexto o desejo entra em pauta, com grande importância no campo da fantasia, o que é de extrema relevância na neurose, por meio dela o sujeito constrói suas estratégias na vida, se fundamenta em experiências reais, que parte do pressuposto, que a fantasia se molda por questões ouvidas e vistas no passado. Pommier (1991) redige que a fantasia da histérica encenada quer dizer que a satisfação do desejo não ocorre, pois está impossibilitada por causa de um pai, investido por essa



menina como o detentor do falo, porém quando esta menina percebe que está privada de alguma coisa por conta da castração simbólica, o desejo aparece na menina. Muribeca (2000) comenta que a ausência do falo é o que leva a histérica porém (não só ela), a uma busca constante norteadas pelo desejo de completude.

Neste momento Freire (2002) coloca pontos relevantes da posição da histérica com relação a seus desejos e de como são suas origens destacando a relação de pai e filha e suas nuances, contudo também fala da percepção da menina com relação a ser castrada e sua descoberta, a qual faz a mesma posteriormente ter buscas incessantes por algo que lhe complete.

O motivo principal da histeria está ligado à ação inconsciente da representação super investida que se desencadeia na fantasia. O cenário da fantasia é considerado pela histérica completamente real do mesmo modo que o cenário traumático ocorrido na realidade o que propicia a tensão desejante. Porém mesmo que tudo isso esteja sendo ludibriado pela fantasia à tensão traumática, é recorrente e insuportável, o que favorece o surgimento da angústia. A fantasia que propõem inicialmente na histeria é o complexo de castração, que quando se trata de um aspecto feminino é evidente uma ocorrência, “(...) a menina se vê, vê a mãe e percebe a falta de pênis, culpando a mãe por isso.” (FREIRE, 2002)

Logo a menina direciona-se para o pai e o coloca como objeto de seu amor, no intuito de substituir a mãe, na expectativa de que ele possa suprir o vazio deixado pela mãe e lhe oferecer o tão desejado pênis.

Aqui é possível perceber o quanto é conflituoso para a histérica chegar ao seu período adulto. Ao passar pelo complexo de Édipo supõem fantasias que lhe auxiliam para suportar o vazio inerente a ela e mais adiante tem outra surpresa, descobre que tudo isso só não passava de uma fantasia.

Porém no intuito de que este processo ocorra é necessário que a mãe desloque o seu desejo para ir no sentido do pai e quando tudo isso é desvendado possibilita a percepção da falta ou do vazio, proporcionado pela ausência de pênis e localizar o falo como uma mera diferença, que controla o desejo. Anteriormente ao fato de acreditar no falo, o único corpo que a criança haveria de possuir por um investimento da mãe, motivo que leva a criança crer de um modo tranqüilo que todas as pessoas o tem. Contudo na visão de Pommier (1991), as crianças conseguem notar que as coisas ofertadas pela mãe não lhe convém, assim dá a chance para buscar encontrar em outro lugar as coisas que não foi possível ela lhe dar. Então a menina com seu amor entrega o falo de volta à mãe e lhe dá isto que lhe falta.

Aqui se explica o momento que a mãe desloca seu desejo em direção ao pai novamente, o que dá condições a menina de reformular seus investimentos ao se deparar com o vazio causado pela ilusão de ter o falo.

A partir do olhar do pai, a menina deixa sua ligação com a mãe para traz e tem condições de construir a sua própria história, pois necessita que a própria imagem possa ser devolvida, o que ocorre



como promessa de mulher. Quando este olhar persiste por muito tempo, a histérica colocará em teste a sedução paterna, marcando uma hiper-feminilidade, portanto com isso a menina passa a cobrar do pai uma compensação simbólica, por causa de sacrificar o amor materno contando que ele lhe dê um amor ancorado no desejo.

Vem por meio do olhar do pai agora destacar como acontece a transformação da menina para mulher e como é importante que este movimento seja cuidadoso.

Ao perder o objeto, ou seja, o falo, a histérica faz um movimento narcísico, investe no seu próprio corpo, erotizado, desconsiderando as zonas genitais. A partir disso reconsidera as origens das ligações com a mãe, quando ela ainda era o falo. Neste processo a histérica se coloca impossibilitada de sair da relação, quando ela ainda era o objeto de desejo do outro. O que resta agora, é que, já é possível entender o porquê da recusa em ser o falo e o que faz com que ela passe a buscar ter o falo.

Por via destes processos fica mais claro compreender as circunstâncias que norteiam a histérica e que aponta um caminho de se colocar sempre nesta posição narcísica de investimento neste corpo que quer ter e não ser mas que faz uso deste instrumento tão poderoso para seduzir aquele que tem e de maneira ilusória pode lhe dá o que tanto busca.

Pommier (1991) acredita que a relação que ocorre entre a mulher e a imagem é conflituosa e superficial as condições que indicam a feminilidade – andar, voz, olhar e a postura. Na tentativa de provar isso, a histérica parte para o uso de adornos, roupas, colares, ou seja, tudo que lhe passa ser mais visível, por que é por este meio que transmite pelo corpo incompleto, ou pela ausência de falo, adere a trivial particularidade da sua essência.

Pode-se notar que a mulher passa por diversas etapas em sua vida até se constituir como tal. E um relevante momento, o qual faz com que ela se insira em sua história os fatores que a levam cada vez mais se apropriar da cultura é algo que vem de sua própria constituição.

Freire (2002) afirma que a histeria proporcionar um apaziguamento na civilização no instante em que não permite que a mulher goze com a relação sexual e com isso a incapacita de ser objeto de desejo do homem, seduz porém não se entrega, e desta maneira fica inacessível a precisa energia que é retirada da sexualidade que irá auxiliar na construção da cultura.

5 HISTERIA E CONSUMISMO

Freire (2002) afirma que a mulher inicia seus processos de formação da identidade ao ser confrontada a partir do desejo da mãe neste momento pré-edipiano, ela sempre volta a questão inicial: “Quem sou eu?” O feminino ao ser reprimido através da cultura, pode ser notado pela mulher como uma indecisão. Neste processo a mulher nota a diferença na vivência, causando desejo no homem e tornando como consequência o surgimento da cultura. Neste contexto o homem vai atrás do poder para



superar o mal estar causado pelo feminino a partir desta diferença que é possível ser constatada por meio da castração e do limite.

Segundo Novaes & Vilhena (2003) na cultura, em função dos seus signos, o corpo perpassa os princípios que vem do biológico – sua forma própria e passa a ser personagem/ator social, fazendo-se de suporte simbólico. Com isso ele se baseia e concomitantemente se constitui. Já que no imaginário cultural arquiteta gestos, posturas, hábitos, vícios, expressões, assim, toda uma estrutura corporal que adentra e reconhece o sujeito como parte de um grupo social, em que ter o corpo da moda, na cultura contemporânea, é reconhecido como um dos maiores símbolos de inserção.

Os conceitos e codificações do corpo na cultura moderna demonstram, paralelamente, que uma outra visão e uma observação diversificada estão ligados às transformações dos códigos sociais.

Dividido e em série, demonstra o que se oculta em uma alternativa de retirar o que se desconstrói. Tudo tende a ser observado, comentado e repartido. No mesmo momento copiar as marcas que lhe diferenciam, por um lado social e por outro culturalmente, através de seus adornos e símbolos.

A imagem da mulher e do feminino permanece ligada à beleza, se constituindo com cada vez menos tolerância para retirar dos padrões estéticos socialmente estabelecidos.

Manso de Barros (1998) explicita que na escola é feita a mesma ação da família, onde a mãe exerce o papel de cuidar e zelar, e o pai que provê e limita, e executa uma ligação entre a cultura e os princípios de uma subjetividade.

Freire (2002) afirma que em ações e pensamentos a sexualidade passa a fazer parte do cenário e remonta o querer do saber infantil. A menina ao se tornar uma mulher, encontra uma sociedade em que o imaginário é marcado por idéias e estereótipos moldados pela família, perpetuado pela escola e em algumas vezes reconstruídos a partir das revistas que também os enfatizam. É por meio destas situações que a histórica acredita poder se apoiar nestes critérios mostrados na revista para ensiná-la como se comportar.

A identidade feminina, conflituosa desde os primórdios, encontra mais uma situação desestabilizadora na escola, que toma para si o discurso da igualdade, retirando a sexualidade e as idéias de desejo e diferença. A partir do vazio ao lidar com as respostas e a constatação da anulação da identidade feminina, a adolescente torna a buscar na mídia, auxílio para se construir como mulher.

Sodré (1985) acredita que o aparelho de TV é o outro que estipula um monólogo baseado em imagens as quais já foram construídas, não dando espaço à imaginação e assim dispersando a atenção, deste modo controlando visivelmente o telespectador: o indivíduo assiste a TV e não o que está na TV. Incessante como o fluxo de consciência, a imagem é fornecida para o consumo, não possibilitando maiores apelos ao intelecto. A qual a imagem é o que acessa a parte menos vigiada do psiquismo instigando aos prazeres e impondo-se um cenário da realidade. Onde encontra um predomínio sensorial, estabelecendo uma passividade e aceitação, não dando condições de reflexão sobre os



padrões e modelos que norteiam o imaginário popular. Neste enquadre encontra-se um campo fértil para histericização da mulher, sugerindo formas, favorecendo identificações, criando alternativas de características femininas que atendem as questões das adolescentes e as solicitações históricas.

Freire (2002) afirma que neste contexto de comunicação, a mulher se percebe incluída nos modos de expressão cultural que estabelecem conflitos nas diversas situações humanas e por outro lado as ilusões de amor que as mulheres reivindicam. Neste cenário entram as mulheres que interpretam lindas protagonistas que vivenciam maravilhosas histórias de amor, mostrando formas de feminilidade, renovados com a mesma maneira como são divulgados.

De acordo com Birman (1999), as subjetividades na cultura do narcisismo, são demonstradas pela incapacidade do indivíduo de apreciar o outro em sua diferença, pois está totalmente ligado a si mesmo. Deste modo não se constrói uma singularidade, estabelecendo características que têm ênfase na pobreza erótica e relevância simbólica, renunciando o desamparo.

Freire (2002) afirma que essa é a lógica da indiferença, que conduz o sujeito a expressar-se auto-suficiente e com estranheza a qualquer diferença. Através disso, constrói a exaltação do seu eu e em todos os momentos que confrontado nas diferenças com os outros e suas representatividades, estabelecerá uma não existência do indivíduo para continuar o equilíbrio narcísico do seu ser. Neste mesmo modo, o corpo, como caminho das pulsões, tende a ser mantido e como a aparência estética, tendo como exemplo a beleza, representa um sentido fálico – este é um sentido completo do desejo – que passa a ser um ideal a ser alcançado.

Freud nos ensina que a mulher em determinados momentos em que não acredita ter nenhuma perda, sendo uma peça que demonstra riscos à cultura, pois torna a ordem e a lei anarquizada. Neste contexto ela é um mito social. Não tendo um símbolo que possa garantir sua existência real, a mulher se coloca em uma posição de deixar se histericizar-se pela cultura, e faz-se ir ao encontro de uma marca.

A mulher se depara quase sempre com um meio visual que o norteia moldado pela cultura para lhe atender. Assim, a TV e a histórica se juntam no campo da civilização: contudo os dois lados estão ligados no dar-se a ver, construindo e reconstruindo homogeneidade, não dando espaço para as subjetividades e fazendo acontecer o desaparecimento da diferença. Como mecanismo da cultura, a TV vem em seu amparo para histericizar a mulher, aguardando por enquadrá-la para si mesma.

Com a não existência da marca, não haveria a angústia existencial, ou seja, a histórica sente-se morta e sem prestígio no âmbito social, não tendo o mesmo valor que é dado ao homem. Deste modo aparece a sedução que faz um papel de dominação do outro; ela é impedida, mas tem como controlar o que as cerca com a voz, as roupas ou a ausência dela, o perfume, pelo intelecto, que em alguns instantes é brilhante e em outros fica a desejar. E ao investir no seu corpo, mantém a permanência do falo, que neste mesmo corpo foi, um dia, para sua mãe.



Agora é possível notar as ideias que moldaram as fantasias infantis, o que podemos considerar como aquilo que compensa, ocupando o espaço de privação, onde hipervaloriza a mãe por ser a pessoa mais bela do mundo, mesmo quando ameaçada com seu corpo fálico. A histérica toma para si estes padrões e toma posse de suas características para, adiante, escolher outro. Contida por um ideal frágil, marcado pela privação e insuficiência, a histérica observa os ideais do eu que somando em sua trajetória, a todo momento atrás de respostas para questões que a aflige: como ser mulher e como fazer ser desejada por um homem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bauman (2008) destaca que através do consumo, toda espécie de animal tenta satisfazer suas necessidades vitais. Já no que se refere ao consumismo humano, é tudo aquilo que fazemos por intervenção social com o intuito de adquirir algum produto que tem um prazo de validade curto e novamente outro produto diferente será ofertado no mercado que levará o sujeito a ter o desejo de obtê-lo, pois o anterior já não supre mais suas expectativas.

Freud trabalha através do conceito de Mal-estar na civilização uma forma de socialização entre as pessoas, e ao abordar este tema consegue concluir que no caso de não existência da civilização o ser humano agiria por meio de seus instintos.

Contudo Freud vem nos ensinar que o sintoma, termo trabalhado em psicanálise, que significa que é a falta de libido ou impedida de encontrar satisfação é forçada a procurar outros objetos e outros caminhos.

Ao falar sobre a realidade tendemos a optar por situações inventadas por nós por meio da fantasia. Porém tudo isso nada mais é do que um mecanismo utilizado pela histérica para adquirir os objetos de seu desejo no mais simples sentido de preencher o vazio que é inerente a ela.

Toda essa falta a qual a histérica se queixa esbarra nos diversos contextos que ela se insere e as pessoas que a norteiam, dessa forma é possível observar que estas concepções da atualidade que é marcada por um consumismo desenfreado ganha espaço neste meio que pode ser considerado muito propício para a histérica e suas constantes insatisfações serem objetos e também se colocando como objeto deste contexto, que demanda algo e necessita de algo ou alguém que lhe dê.

Através deste estudo foi possível observar que o consumismo são idéias que norteiam este contexto da civilização e tem como intuito o incentivo da compra de produtos de maneira desenfreada sem uma necessidade do produto adquirido, em que muitas vezes o produto ofertado no mercado fica ultrapassado, pois já existe outro com outras opções de características que o primeiro não tinha.

Neste sentido Freud explica que o mal-estar na civilização nada mais é do que uma convenção social a qual mantém certos mitos que insere ou exclui os indivíduos de um certo grupo.



Continuando estes estudos Freud discute que todos somos sujeitos que por existirmos trazemos sintomas provenientes de nossa própria construção psíquica moldada a partir de nossa história. Sintoma o qual norteia a maneira como lidamos com as diversidades de situações que nos circundam.

Assim, ao falar da histeria é possível notar características bem peculiares, pois esta que neste processo é detentora de um vazio que não é saciado por nada e nem ninguém, fica a mercê de ser mais uma peça importante neste ciclo vicioso.



REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. Afinal, o que querem as mulheres?. *Psicologia Clínica*, v. 23, n. 1, p. 33-46, 2011.
- BAUMAN, Z. *Vida para o consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.37-65.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- CASTRO, J.C.L. *Consumo de massa e discurso da histeria*. São Paulo: II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Computação, 2009.
- CYPRIANO, C.P. *Nada tão fútil que não possa dizê-lo útil: A atividade de consumo na experiência contemporânea*. Belo Horizonte: Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como parte das exigências de obtenção do título de mestre, 2008, 116p.
- DANTAS, M.A; TOBLER, V.L. *O sofrimento psicológico é a pedra angular sobre a qual repousa a cultura do consumo*. In: CONGRESSO ABRAPSO, Brasil, 2003.
- FREIRE, L. *A histeria e a beleza: uma expressão no contexto cultural da atualidade*. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 22, n. 3, p. 70-77, 2002.
- FREUD, S. *Conferências Introdutórias sobre psicanálise, Conferência XXIII: Os Caminhos da Formação do Sintoma*. Rio de Janeiro: Imago, v. 16, 2006.
- FREUD, S.. *Conferências Introdutórias sobre psicanálise, Conferência XXII: Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – Etiologia*. Rio de Janeiro: Imago, v. 16, 2006.
- FREUD, S.. *O Mal estar na civilização (1930)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira / Sigmund Freud, com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.73-83.
- FREUD, S.. (2010). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras. v. 12, (Originalmente publicado em 1916).
- FREUD, S.. *Fragmento da análise de um caso de histeria (1916) (J. Salomão, Trad.) Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol.VII, pp. 01- 119)*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1905).
- FREUD, S.. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*. op. cit, 1893, 2006.
- FREUD, S.; BREUER, J. *Estudos sobre a histeria (1895)*. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 2, p. 271-316, 2006.
- LEAL, M. *A cidadania desafiada: o direito de consumir consumiu o cidadão*. Florianópolis: Dissertação apresentada a Universidade Federal de Santa Catarina como exigência para a obtenção do título de mestre, 2008, 141p.
- MANSO DE BARROS, R. M. “A adolescência e o tornar-se mulher. In: FARIAS, Francisco R. de. & DUPRE, Leila (orgs.). *A Pesquisa nas ciências do sujeito*. Rio de Janeiro, Revinter, pp. 157-82, 1998.



MONTEIRO, D. de A. O sujeito do consumo e os laços afetivos. Salvador: Cógito, v.6, 2004.

MURIBECA, M.M.M. A feminilidade e o desejo da mulher. In: *Revista Insight*, n. 105, ano 68, abril/2000. São Paulo: Lemos Editorial & Gráficos.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. de. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações*, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.

POMMIER, G. A exceção feminina. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

SANTAELLA, Lúcia. O corpo como sintoma da cultura. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 1, n. 2, 2008.

SCHWERINER, M.E.R. O consumismo e a dimensão espiritual das marcas: uma análise crítica. São Bernardo do Campo: Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p.13-20.

SODRÉ, M. A Comunicação do grotesco. Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1985.

STACECHEN, L.F; BENTO, V.E.S. Consumo excessivo e adicção na pós-modernidade: Uma interpretação psicanalítica. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.20, n.2, 2008, p.421-436.